

A' minha mãe

Um só dia não ha, um só instante,
Em que co'os olhos d'alma eu não te veja
Esse magoado e pallido semblante
Em que a saudade maternal viceja.

Que na vida outra luz não me proteja
Que a dos teus olhos, tremula e distante,
Que outra no lance extremo não me seja
Refugio d'alma, protector e amante!

Como me é doce ver-te mesmo em sonho!
Prender nas mãos a mão que me abençoa
E a fronte em que sedento os labios ponho!

Como a tua alma brilha e como é bôa!
Mãe! a tua alma é a luz que num risonho
Trecho de selva pelas ramas cõa!

MARTINS JUNIOR.



ESCOLA NORMAL

Como representante do sr. dr. Director do Ensino Municipal, assistimos ao esplendido festival celebrado pela Escola Normal para a entrega de diplomas e premios aos novos normalistas.

O acto foi presidido pelo exm. sr. dr. Amazonas de Figueiredo, Secretario de Estado da Instrucção Publica.

Foi cantado magistralmente o *Hymno das Normalistas*, musica do maestro Meneleu Campos e poesia do illustre literato paraense exm. sr. Antonio Marques de Carvalho.

Aberta a sessão, foram lidas pelo sr. dr. director da Escola as médias dos alumnos diplomados e os nomes dos premiados.

Seguiu-se o magnifico discurso do sr. dr. Elias Vianna, paronympho dos diplomados, o qual foi entusiasticamente applaudido.

Executou-se com brilhantismo o *Hymno dos estudantes brasileiros*, verificando-se depois a entrega dos diplomas pelo exm. sr. dr. Secretario de Estado.

Receberam premios as seguintes alumnas: Isaura de Castro Figueiredo (1º anno) e Alzira Machado de Mendonça (3º anno). O premio *Lauro Sodré* coube á diplomada Maria Rosa Schimidlim.

O sr. dr. director da Escola conferiu o premio *Augusto Montenegro* á alumna do 2º anno Georgina de Carvalho Telles.

Em seguida pronunciou um bonito discurso o diplomado Benicio de Sant'Anna Lopes, eleito pelos seus collegas.

O premio *Antonio Lemos* foi conferido pelo representante do exm. sr. dr. Governador do Estado á alumna Palmyra Benicia Sarmiento ; sendo depois entoado novamente o *Hymno das Normalistas*, e encerrada a sessão.

Entre a numerosa assistencia notámos :

O exm. sr. Intendente de Belem, senador Antonio José de Lemos.

O major Licinio Silva, como representante do Governador do Estado.

O dr. Francisco de Paula Pinheiro, pelo director da faculdade de Direito.

O dr. Manoel Manços Villaça, pelo grupo escolar do 2º districto.

O sr. Alves de Souza, pel' *A Provincia do Pará*.

O revdm. Arcipreste Hermenegildo Perdigão, pelo Governador do Bispado.

O dr Heitor Castello Branco, pelo gymnasio Paes de Carvalho.

Damos em seguida os nomes dos novos normalistas, com os grãos dos respectivos diplomas :

Braulio de Jesus Lopes de Miranda.....	8,69.
Alice Porto de Oliveira	8,45.
Maria Rosa Schmidlim	7,93.
Aurelia Seixas	7,9.
Romeu Rodrigues de Andrade	7,81.
Augusta D. de Lima Chaves.. ..	7,81.
Rosa de Lima Fidanza.....	7,67.
Benicio de Sant'Anna Lopes	7,67.
Cecilia Magno de Araujo.....	7,53.
Corina da Costa Rodrigues	7,52.
Joaquim Baptista de Souza	7,36.
Joanna da Costa Pinto	7,36.
Aureliana Feio.....	7,34.
Felicidade de Nazareth Gomes de Araujo.	7,26.
Luiza Mamede da Costa	7,18.
Mathilde Soares da Silva	7,15.
Leocadia Brazilia.....	7,07.
Esther Rodrigues dos Santos.....	6,85.
Maria Magno de Araujo	6,79..
Gregoria Maria das Mercês	6,69.
Angelica Tavares Vaz	6,68.

Maria S. Marques do Espirito Santo.....	6,65.
Cacellina A. Cacella Cavalléro.....	6,62.
Christina Franco.....	6,6.
Virgentina Soares da Costa.....	6,56.
Judith Lopes de Oliveira Santos.....	6,52.
Luciola de Paula.....	6,52.
Antonia de Lima Tabb.....	6,43.
Ecilda Rosa Machado.....	6,3.
Sylvia A. das Neves Falcão.....	6,29.
Felix Ferreira da Costa.....	6,19.
Hermelinda H. Salgado da Silva.....	6,12.
Tauriano Gil de Souza.....	5,96.
Raymundo F. Lobo.....	5,64.

*
* *

Eis a letra do *Hymno das Normalistas* :

Eis-vos, emfim, no termo da jornada;
Eis a batalha do saber vencida;
Prolongou-se até hoje a madrugada:
Vae começar a vida!

Ao proveitoso e moirejante estudo,
Ao improbo lidar que as trevas doma,
Em vez de *nada*, vae seguir-se tudo:
— Já novo mundo no horisonte assoma.

*
* *

Quadra fugaz dos rios côr de rosa,
Quadra feliz da vida de estudante,
Como tu no presente és venturosa,
Como és saudosa quando estás distante!

Em teu caminho, entre jardins aberto
E entre abrolhos rasgado... em teu caminho,
Se de flôres te adornas quando perto,
Longe, — em ti punge da saudade o espinho.

Parae! Detende o acelerado passo
Na extrema porta do alcaçar risonho,
Guardae mais flôres no gentil regaço,
Que o despertar se vae seguir ao sonho.

Parae! Detende a marcha acelerada
No tredo umbral da pratica existencia;
Romeira do saber, medi a estrada
Que dá sahida ao templo da Sciencia,

De alta virtude e de brandura extrema
Blindae os vossos jovens corações;
Já tinge os céos a côr da ibirarema,
Já nasce o sol: — tomae vossos bordões

Ao cajado do bem ide arrimadas,
Mensageiras rivaes das andorinhas,
Ide aljofrar do ensino as orvalhadas
Na floração mental das criancinhas.

E quando, apos labores mil, fecundos,
Na curva sideral da intelligencia
Vós engastardes do alphabeto os mundos,
— Ao telescopio audaz da paciencia,

Como no manto azul d'um firmamento, ---
Pasmareis de saber que então se vê
Em estrellas do humano entendimento
Transformadas as letras do **A B C**.

*
* *

Ide aclarar as tenebras do nada;
Do corpo e d'alma levedae os pães;
Que no lar e na escola abençoada,
Um dia, duplamente sereis mães.

Ide! É chegado o termo da jornada;
Eis a batalha do saber vencida!
Prolongou-se até hoje a madrugada:
Vae começar a vida!



A MARSELHEZA DO ESTUDO

(VERSOS DE RAYMUNDO BERTOLDO NUNES —
MUSICA DO MAESTRO BERNARDI)

Côro

Eia, jovens ! á luta ! á conquista
do direito, da luz, da razão !
Alarguemos contentes a vista
do futuro na vasta amplidão.

Solo

Sério estudo, união e respeito
fórmam nobre e sublime trindade
realçada por esta divisa:
—lei, civismo, constancia, igualdade !

Eia, jovens, etc.

—Estudar, estudar com afinco—
do Cruzeiro eis a senha, eis o grito.
O que já conquistámos é muito,
o que resta saber . . . infinito.

Eia, jovens, etc.

Prosigamos, portanto, na lucta,
a cantar, a estudar, a sorrir !
e cobertos de louros e benções,
chegaremos com gloria ao porvir.

Eia, jovens, etc.

Grupo escolar do 2.º districto

Magnifica foi a festa com que este grupo escolar solennisou o 3.º anniversario de sua fundação, a 16 de Outubro ultimo.

O distincto director, dr. Manoel Manços Villaça, esforçou-se para que o mesmo tivesse o maximo brilhantismo, e fosse em tudo digno do nobre fim a que se destinava.

O acto foi presidido pelo sr. dr. Amazonas de Figueiredo, Secretario de Estado da Instrucção Publica.

A oradora official, normalista Catharina Pereira Dourado, produziu um bello discurso, que foi entusiasticamente applaudido.

Todo o programma foi executado á risca, deixando nos espiritos as mais agradaveis impressões.

Fez parte d'este festejo a inauguração do retrato do illustre sr. dr. Secretario de Estado —justa homenagem prestada aos seus incançaveis labores em pról da instrucção publica.

O edificio estava litteralmente repleto, notando-se os representantes do exm. Governador do Estado, dos outros grupos escolares, do director do ensino municipal, do gymnasio Paes de Carvalho etc.



A MORTE DO SOLDADO

Como em cima de um leito
De purpura, o soldado agonizando
Estava, aberto o peito
Em chaga, que ia o sangue derramando.

Subito se acalmava
Após esforço extremo e extremo arranco,
E o sangue espadanava,
Rubro, tingindo o seu cabelo branco.

Soluçava, gemia,
E nos seus olhos quasi se apagando,
Como uma flôr, se via
A derradeira lagrima boiando.

Quiz falar : um gemido
De seu peito sahiu, rouco, profundo,
Como se fosse um som, partido
De uma cisterna lobrega do fundo.

Tentou erguer-se ainda,
Mas de novo cahiu prostrado o velho.
A aurora, longe, linda,
Derramava nos céos um tom vermelho.

Delirando agitava
A mão, qual se uma espada ella agitasse,
Crendo estar, como estava
Ha pouco, heroico, do inimigo em face.

E do inimigo a lança
Sentiu varar-lhe o peito : o sangue corre
Aos borbotões; balança,
Agita o corpo ainda uma vez . . . e morre.

RODRIGO OCTAVIO.



As mulheres que trabalham

São de uma illustrada escriptora portugueza os seguintes conceitos sobre o assumpto que fornece epigraphe a este artigo :

O preconceito mais funesto, que ainda nasceu e medrou neste mundo, é o que considera o trabalho uma escravidão deshonorosa.

Começa hoje a irradiar os seus primeiros clarões rubros a aurora do dia que ha de ver o trabalho sanctificado, que ha de assistir á divina apotheose d'esse bemfeitor supremo da humanidade, d'esse amigo de todas as horas, que conforta os animos abatidos, que distrahe de todos os tédios, que lucha contra todas as inercias.

Por emquanto, sobretudo entre nós, é rara a mulher bastante superior para confessar que trabalha, e, o que é peor de tudo, é rara a mulher que trabalha sem absoluta e incontestavel precisão.

Mais d'uma vez temos visto senhoras, que pela sua educação mais apurada e mais completa deviam estar acima de tão profunda ignorancia dos seus deveres, confessarem que não gostam de fazer nada, que são preguiçosas, que não têm com que se distrahir, que os dias lhes parecem seculos etc., etc.

E no emtanto qual será a creatura bastante desfavorecida de Deus, para não poder aproveitar proficuamente as horas do dia, sempre curtas para quem as sabe empregar bem ?

Fallemos primeiramente das meninas solteiras de pouca idade; para essas, logo que queiram tornar-se dignas do alto destino, que as espera, pouco será sempre o tempo para se instruirem, para adquirirem os varios e complexos conhecimentos de que carecem antes de exercerem a sua missão complexa.

Não são sómente os futeis ornamentos superficiaes em que ellas devem pôr a mira ; a par d'esses,

que também são indispensaveis, ha todo um mundo, que a mulher ignora, e cuja exploração lhe enriqueceria o espirito de thesouros incomparaveis.

E depois, mesmo os frivolos adornos, que constituem uma alta educação mundana, podem ter uma significação elevada, um sentido occulto, uma *alma* emfim, logo que se não considerem um *todo*, mas uma parte insignificante do mais alto e perfeito conjunto; logo que occupem o logar que lhes compete, na classificação harmoniosa e bem graduada das varias riquezas, que formam um espirito.

Saber cantar, saber tocar piano, saber falar as linguas, saber desenho e pintura, que vale tudo quanto sois, quando se não tenha uma idéa elevada e synthetica, que ligue entre si estas diversas acquisições intellectuaes e que por assim dizer as vivifique ?

O que é preciso, antes de tudo, é comprehender a musica e a sua influencia poderosa nas almas e nos organismos, é saber usar com aproveitamento esses instrumentos que se chamam linguas, as quaes por si, só tomadas abstractamente, nada significam e para nada servem; é estudar a natureza sobre os seus multiplos aspectos e transplantal-a para a téla ou para o papel; é ter emfim um ideal, que sobredoire todas estas prendas, que superficialmente entendidas e superficialmente executadas, não têm valor nem têm utilidade alguma na vida pratica.

Basta qualquer espirito feminino entrar neste caminho, que imperfeitamente acabamos de apontar, e, sem que elle mesmo tenha a consciencia d'isso, as suas idéas hão de dilatar-se e encadeiar-se por uma successão logica, e dar á vida um novo e imprevisto aspectu.

As meninas bem educadas das nossas altas classes sociaes, têm todas uma grande facilidade de fallarem varias linguas; aproveitam porém essas facilidades... conversando com os diplomatas.

Não lêem Schiller, nem Goethe, nem Shakespeare,

nem Macaulay, nem Pascal, nem Montaigne ; não entram no genio das differentes nacionalidades e das differentes litteraturas; não comparam entre si as civilisações, chegando por essa comparação a conhecerem de um modo mais ou menos perfeito a humanidade ; não senhor ! Conversam com os *gommeux* da diplomacia estrangeira e contentam-se com isso !

Na musica, que, mais do que nenhuma arte, lhes revelaria o coração do homem no coração de tantos homens de genio, o que ellas vêr sómente é o modo de executarem mais difficuldades e de desesperarem de inveja mais rivaes !...

Na pintura, copia da natureza que se podia fazer penetrar no seio carinhoso e fecundo da grande mãe, são tão frivolas, tão superficiaes, como em todas as outras cousas.

As mais das vezes não têm animo de colherem uma flor do jardim e de a copiarem com o pincel ou com o lapis ! Copiam copias, amesquinhando a natureza, e atrophiando a propria imaginação !

São estes defeitos, que todas nós, as que pensamos um pouco, devemos combater com todas as nossas forças !

Longe de mim o aconselhar á mulher que se emancipe dos seus graves e obscuros deveres, que tente luctar com o homem, e arrancar-lhe a palma das grandes descobertas e das grandes conquistas !

O que eu pretendo é provar-lhe que é divina entre todas a missão a que o futuro á convida.

A mulher de sala tem por força de morrer ; surja pois a mulher da familia, sêr complexo, grande e nobre sêr, que as gerações vindouras hão de admirar fervorosamente.

A mulher da familia não é de certo a matrona desgeitosa, deselegante, só occupada em dar a vida, o leite e o alimento aos filhos de um affecto despido de todas as flores e de todas as poesias.

Não, ella deve ser instruida, profundamente ins-

truida, tendo ao mesmo tempo a consciencia de que essa instrucção a não aparta do cumprimento religioso dos mais humildes deveres do amanho da casa e da maternidade.

O homem deve achar nella não só a enfermeira desvellada das suas doenças; não só a distribuidora sensata e economica do seu alimento; não só a dona de casa assejada, vigilante, infatigavel; não só a mãe carinhosa, dedicada, capaz dos maximos e dos mais perseverantes sacrificios, senão tambem a companheira do seu espirito; a socia das suas aspirações; intelligencia que comprehenda e partilhe as suas legitimas ambições e as suas chimericas phantasias; o animo viril que saiba amparal-o nas horas de desalento; a mão firme e branda, que saiba guial-o nos momentos escuros de lucta e de tentação; o seio terno que lhe acolha a cabeça cançada na hora sinistra das derrotas; o bello e enthusiastico espirito que applauda a suprema embriaguez das suas victorias; numa palavra, a mulher digna de ser mãe e de educar uma geração de fortes.

É preciso que a mulher se compenetre bem d'esta idéa fundamental; o trabalho, seja de que especie fôr, não desdoira uma mulher nem deixa de ser compativel com as mais delicadas distracções de um espirito culto.

Trabalhar não é fazer *crochet*, não é coser durante seis mezes na mesma camisa, que ha de ser oferecida a um pobre romantico, a um pobre de *operacomica*; não é bordar umas eternas *babouches*, que se começam no dia seguinte ao do casamento, e que se acabam dez annos depois.

Trabalhar é ser util, é occupar o espirito, é adquirir conhecimentos ou espalhal-os em torno de si, é concorrer para o bem-estar dos outros e para o seu aperfeiçoamento proprio.

A mulher que trabalha levanta-se cedo, não conhece as scismas voluptuosas, os languores morbidos, as *flânerias* sem motivo e sem fim.

E' activa, por isso não tem aquellas horas de tédio profundo, que descobrem diante de um olhar os horisontes sinistros e esbraseados do suicídio; tem saude porque o tempo bem applicado e bem dividido não lhe deixa intervallos para se *escutar*, se sondar, para analysar as suas pequenas dôres, os seus pequenos encommodos, e os aggravar tomando remedios nocivos, e entregando-se á mollesza que a pouco e pouco destrue a robustez do corpo; gosa de tudo com alegria, com vitalidade, com expansão, não desdenha nenhum dever, nenhuma occupação, nenhum trabalho, porque o amor e a intelligencia prendem a tudo que ella faz.

Porque sabe conversar na sala com facilidade e chiste, nem por isso deixa de saber estar na cosinha, observar um por um todos os utensilios, vêr se estão limpos, inventar um *menu* que reúna as condições da economia e da variedade, ensinar a sua cosinheira, fazer mesmo por suas mãos um prato predilecto, que á mesa o marido e os filhos hão de saudar com alegria e saborear com appetite.

Desejo que ella saiba bordar, mas exijo que saiba sergir panno, dar rêdes com perfeição, coser a roupa da casa e a roupa dos filhos, cortar e fazer os seus vestidos, dando assim mais que um exemplo de economia, um exemplo de moralidade! protestando, até onde chegam os seus limites, contra a torrente impetuosa e funesta, que arrasta as familias desde o luxo até á infamia, desde a impostura até á quebra de todas as indignidades e de todos os pudôres.

Quero, mais, que ella se não envergonhe de confessar que trabalha, e que não diga que o seu fato é feito por uma qualquer modista estrangeira, quando é ao seu laborioso serão que ella deve a elegancia que d'este modo é duplamente preciosa e sympathica.

Não imagine a mulher que entre os deveres que accitou ha uns que a deslustram e outros que lhe ficam bem.

Debaixo do ponto de vista da razão todos os de-
veres são eguaes e estão presos entre si por uma ca-
deia invisivel.

Da alegria da mesa depende a alegria do lar ; da
economia de todos os instantes, depende o bom humor
das festas de familia ; da elegancia e primoroso asseio
da mulher depende a ternura inexgottavel do marido ;
do modo por que ella rege e domina o seu pequeno
imperio domestico, depende a educação dos filhos, a
moralidade do interior, a harmonia intima da vida, e
até a graça, o espirito, a liberdade com que ella con-
versa e ri na sala.

Todas as mulheres se queixam dos maridos, e
nenhuma ainda percebeu o seguinte : são ellas que
preparam e determinam o seu destino ; é a ellas que
a familia em geral deve a sua desordem, a sua disso-
lução, ou a sua felicidade.

Não basta ter todas as graças, é preciso ser util,
e no fardo que se acceta em commum tomar a parte
que mais custa a supportar.

Não basta ser util, prestadia, arranjada, econo-
mica ; é preciso ter a intelligencia que idealisa um
pouco os tristes e aridos encargos da vida.

Toda ou quasi toda a mulher se sente amesqui-
nhada pelo seu destino, e protesta contra as leis, contra
os usos, contra as instituições, que a exilaram dos
altos cargos da republica, que lhe tolheram o passo
para todas as eminencias sociaes, e que a condemnam
á obscuridade e á lhaneza do viver domestico.

Oh ! abençoados sejam os costumes, as leis, as
instituições, que deram ao homem tudo que é ruido,
pompa, ostentação, orgulho e vaidade, e que nos de-
ram a nós a dôce missão de encaminharmos o futuro,
de guiarmos a humanidade no caminho do bello e do
bom !

Se até agora temos trahido essa missão a que fo-
mos destinadas, a culpa é nossa e não de quem consti-
tuiu sob uma forma tão racional e tão justa a sociedade.

O tempo que passamos no barulho vazio das festas mundanas, colhendo decepções e rancores, excitando invejas, provocando sensuaes applausos, por que o não gastamos a lêr, a estudar, a penetrar no mundo da natureza e no mundo da sciencia em todos os seus aspectos tão varios, em todas as suas manifestações tão sympathicas? por que não dirigimos a poder de trabalho e de esforço a primeira e lucação de nossos filhos, e deixamos que mãos mercenarias lhes arranquem aquella dôce pennugem da alma que é a ignorancia dos pequeninos!

Por que não fazemos da nossa casa um ninho alegre e fôfo, que o nosso marido prefira ao botequim, ao Gremio, ao Club, ao restaurante, á casa de seus amigos, e onde elle esteja certo de encontrar alimento mais saboroso e mais hygienico, o ar mais puro e lavado, a poltrona mais comoda, a conversação mais animada, mais substancial, mais chistosa e menos pedante!

Pouco a pouco, á regeneração da mulher seguir-seia a regeneração do homem, deixariamos de ser a ruina, para nos tornarmos o conforto, deixariamos de ser o tédio para nos tornarmos a alegria.

Talvez não houvesse tantos bailes e saráus, talvez Offenbach, Dumas filho, Sardou, tivessem menos espectadores, talvez as salas de bilhar perdessem um pouco da sua pópularidade; talvez os ourives e as modistas fechassem algumas das suas lojas; mas em compensação quebravam menos negociantes, perdiam-se menos mulheres, a calumnia renunciava a uma grande porção do seu alimento diario, o falso luxo que mata de fome os filhos e que arrasta sêdas pelas ruas enlameadas da cidade, ou se reclina voluptuosamente nos coxins flacidos d'um coupé de oito mollar, o falso luxo deixaria de ostentar com tão descarada altivez as suas lantejoulas compradas com moeda vil, e esta nossa sociedade, que parodiá tão ridicula e tão desgraçadamente a sociedade cosmopolita, opulenta,

e artificial da França, tomaria diverso rumo, assumiria a dignidade que lhe falta, e descobriria no futuro o ideal, que não tem e que procura nas trevas.

O primeiro passo para que este deploravel estado de cousas melhore um pouco, é que as mulheres comecem a trabalhar.

As ricas instrúam se ; as pobres ajudem seu marido sem se envergonharem da sua honesta pobreza, e todas, sem exceptuar qualquer posição social, occupem o tempo para não darem logar ás tentações da vaidade, aos sonhos morbidos que enfraquecem o corpo e o espirito, ás negras horas dissolventes do tédio, em que tudo se concebe e se admitte como possível, até o esquiccimento de todos os deveres, até o proprio crime com o seu romantico cortejo de sensações e de terrores.

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.



A' AGUIA

Que inveja terei eu de ver-te, aguia altaneira,
Alçando na amplidão o vôo em largo traço,
Se embalde eu tentarei, em férvida canceira,
Inalado subir aos paramos do espaço ?!

Que inveja terei eu de ver-te, sobranceira,
Patenteando a acção dos teus remigios de aço,
Se a fraqueza é legada á humanidade inteira,
Se tenho preso ao solo, eternamente, o passo ?!

Tu tens a liberdade amplifica de voares ;
Ês livre como é livre a ondulação dos mares,
A natureza, o mundo, a luz que me extasia,

Bem sei que não irei onde a voar te expandes...
Meus pés não cruzarão os pincaros dos Andes;
Mas posso aos céus erguer a minha phantasia.

MATTOS E SILVA.



Carlos Gomes

(TRECHO DE UMA CARTA DO MAESTRO
AO SEU AMIGO DR. BIERREMBACH)

Millão—22 de Novembro de 1895.

.....
Já saberás pelo mano Juca ou pelos jornaes ter eu acceitado o logar de director do Conservatorio de musica de Belem do Pará.

Ainda não recebi a nomeação official, mas tenho fé em recebê-la muito brevemente.

Se, como espero, tiver de realisar a minha residencia no Pará, realisar-se-á tambem o meu sonho antigo, o ultimo sonho de brasileiro patriota—morrer em terra do Brasil.

A proposta, da qual te falo nesta carta, não tendo sido acceita, me privou de estabelecer-me em Campinas com os meus filhos, e lá ficar até «o fim do meu fim».

No Rio não me querem nem para porteiro do Conservatorio; em São Paulo nem para bo-lieiro; em Campinas não me comprehenderam julgando-me talvez um impostor, um forasteiro.

Si estivesse no meu caso, Dr., o que faria tu? Não aceitarias a offerta do Pará?—Certo que sim.



Colombo

A 12 do mez passado commemorou-se a descoberta da America por Christovão Colombo.

Nasceu este na cidade de Genova, em 1436. Estudou geometria, geographia, astronomia e cosmographia; e navegou depois pela mór parte das regiões então conhecidas.

Com este peculio de conhecimentos theoreticos e praticos, e talvez tambem com a leitura da narrativa das viagens de Marco Polo — celebre navegador que o havia precedido, — Colombo conjecturou que devia haver outras terras, ainda desconhecidas, do outro lado do Atlantico, — ou que se poderia chegar ás Indias, navegando para o occidente.

A vista d'isto, offereceu os seus serviços a diversos soberanos, que lh'os recusaram; obtendo enfim do rei de Hespanha — depois de oito annos de constantes solicitações — tres navios mercantes, tripolados por uma centena de homens. Sahiu do porto de Palos a 3 de Agosto de 1492.

Durante mais de dois mezes navegou Colombo em pleno oceano, luctando não somente com o furor das ondas e dos ventos, mas ainda com a propria tripolação, que se revoltara, já sem fé no bom exito da expedição.

Afinal, no dia 12 de Outubro avistou terras, que elle julgou erradamente ser a extremidade oriental da Asia.

Estava descoberta a America.

No seu regresso á Hespanha, foi recebido com pompas régias, e o soberano cumulou-o de honras.

Não durou, porem, muito esta apothese tributada ao genio incomparavel do illustre navegador. Colombo tinha inimigos; e elles com tanta astucia tramaram a sua ruina, compromettendo-o com o rei, que este lhe retirou todo o apoio, e o grande homem viu-se ino-

pinadamente preso, carregado de ferros, e arrastado perante os tribunaes.

Descrevendo, em carta a seu filho, a penuria a que ficara reduzido, dizia Colombo:

«Se quero comer ou dormir, é preciso que bata á porta de uma estalagem, e muitas vezes não tenho com que pagar o meu sustento ou a minha cama».

Por fim, reduzido a miseria extrema, falleceu a 20 de Maio de 1506.

Foi este o galardão que recebeu — quem descobriu um mundo!

Mas, tambem, que salutar e edificante exemplo de coragem nos perigos, de perseverança e tenacidade no meio dos vaivens e contrariedades da sorte!



Emquanto assim extinguiu-se uma existencia preciosa, que tão util fôra á toda a humanidade — e a inveja, o odio, a surperstição tripudiavam sobre aquelle cadaver, — o grande rei levantava aos logares mais conspicuos os aduladores servis, de cujos nomes hoje ninguem se lembra, ao passo que perdura, cheio de gloria immarcessivel, o nome preclarissimo do descobridor da America.

VILHENA ALVES.



A uma menina

Toma esta flôr — escuta-lhe os perfumes...
Retraê-se a pobresinha, meu amôr ;
Menos bella que tu, sente ciumes,
Não tem perfume junto aos teus perfumes :
É menos flôr que tu, mimosa flôr.

O Lyceu

Educar a Mulher é preparar a esposa,
A Mãe; e a Mãe é isto apenas : é o exemplo ;
Deixai vir, pois, da luz a onda luminosa
Varrer a treva e a sombra às naves d'este templo.

(ADELINO FONTOURA.)



Conselhos ás mães

EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS

São muitas vezes as proprias mães que, levianamente, cuidando contribuir para que seus filhos sejam um conjuncto de preciosidades moraes, lhes dão a primeira idéa do mal, assacando-lhes defeitos que os innocentinhos nem sequer sonham ainda. Deploravel illusão esta ! Quem podera observar sem magoa a mãe que, de dedo erguido a significar ameaça deante da fragil creaturinha, a quem deu a existencia seis annos antes, lhe diz com energia :

— A menina mentiu ; fez isso por maldade ; é uma teimosa, não tem vergonha nenhuma, etc.

Quantos defeitos tem já a pobre criança ! Impostura, ruindade, obstinação, desvergonhamento ! O que ahi vae ! Por este caminhar, dentro de poucos annos deve ser um monstro.

O peor não é ainda o martyrio infligido ao timido coraçãozinho com aquella catilinaria. O peor são os resultados provenientes de tão barbaro systema. A criança, que não tem condições para a lucta, debaixo do peso de accusações que mal comprehende, submette-se. É assim se vae a desconfiança a pouco e pouco apoderando da sua alma nascente, até expungir de lá os innatos e puros sentimentos de confiança em tudo, que são o mais encantador attributo da infancia.

Injuriada quasi desde o berço, a criança aprende a desprezar-se. D'aqui á perda total do brio medeia pouco espaço. Quem se não prezar a si, como ha de aspirar ao respeito dos outros ?

Quantas crianças não perdem o amor ao estudo á força de ouvirem dizer que são descuidadas nas suas licções, e de o ouvirem deante seja de quem fôr ? !

Repetir por habito às visitas que a menina da casa é preguiçosa, obrigando-a a escutar impassivel e a pé quedo a pungente censura, não é senão affrouxar-lhe o brio.

Quem attentar bem nas brincadeiras de qualquer criança reconhece logo o systema de educação que a dirige. Tenho visto meninas que a brincar maltratam as bonecas, applicando-lhes frequentes castigos, ralhando constantemente com ellas, batendo lhes sem dó. Outras então cobrem poeticamente de affagos a insensivel figurinha com que se entretêm, dando-lhe brandamente conselhos, ensinado-lhe a resar, admoestando-a sem nunca, empregar palavras grosseiras nem aggressivas.

Como explicar a antinomia d'estes procedimentos?

Mera inclinação natural, isso não, que a innocencia tem toda a prospensão para a meiguice e para o trato carinhoso. A differença do modelo que procuram imitar é a unica explicação natural do phenomeno.

Claudia de Campos.



Fonte occulta

Entre umas pedras mettida,
Rolando, clara e modesta,
No coração da floresta
Vive uma fonte escondida.

Receiosa de ser ouvida,
Talvez abafando um ai,
Quasi sem queixa ou murmúrio,
Fluindo vai.

E de ser vista, receiosa,
O leve fio adelgaça,
E, assim, ignorada passa.
Passa ligeira e medrosa.

Tal em alma desditosa,
Que já não ama nem crê,
Se escôa um fio de lagrymas
Que ninguem vê...

ALBERTO DE OLIVEIRA.



A ESCOLA

PRELECCÃO ESCOLAR

Falar-vos ei hoje, meus amigos, da escola — d'essa aggremação de mestres e discipulos; d'esse templo sagrado em que o mestre é o sacerdote e a instrucção a hóstia respeitavel, almejada pelos crentes que são os discipulos. A escola, porem, não é sómente isso: é a barreira que se oppõe ao regresso, fazendo do ignorante um ser livre e consciante. É mais; é o fóco de benefica luz que illumina a intelligencia dos estudiosos; a arca santa que encerra a esmola preciosa mandada distribuir pelos governos zelosos e amantes do povo que dirigem.

Pela escola, meus amigos, passa aquelle que vai ser artista, agricultor, medico, bacharel, negociante, engenheiro, padre, professor, nautico; como do seio da ignorancia e da pessima educação sáe o ladrão, o assassino, o vagabundo, o devasso, o falsario, o desordeiro e toda a sorte de seres que prejudicam a sociedade, e dos quaes devemos fugir como quem foge da peste, porque são o contrario dos primeiros.

Assim como para um pobre é triste e duro o dia em que lhe falta o pão, assim para um menino de brio é triste e feio o dia sem escola. Digo-vos isto, porque estou plenamente convencido de que a escola é ainda o abençoado lar, d'onde sáem alegres e prazenteiras as futuras glorias patrias.

Vou falar-vos primeiramente dos mestres.

São os mestres os batalhadores destemidos da instrucção, os verdadeiros sacerdotes do ensino, que têm a enorme responsabilidade de preparar o futuro de uma classe numerosa chamada infancia, de que tazeis parte. São elles os distribuidores d'esse pão espirital, chamado instrucção, que todos os dias se prepara nesse grandioso centro de civilisação chamado escola.

Dir-vos-ei mais ainda: são os apostolos mais per-

severantes e dedicados do Estado, sobre cujos hombros está assentada a enorme cruz do ensino, — trabalho rodeado dos mais agudos espinhos; são, emfim, na linguagem autorisada de um grande pensador, *os fabricantes de espiritos*, em cuja officina preparam-se, portanto, as gerações vindouras.

Em taes condições, é fôra de duvida, meus amigos, que o futuro da mocidade dependerá do bom ou máu procedimento que esta obtiver; e, consequencia inevitavel, resultará tambem d'ahi o bem ou mal-estar da sociedade a que uns e outros pertencem. Se, porem, os mestres têm a enorme responsabilidade d'esse futuro, que será cheio de flores se tudo correr bem, ou cheio de espinhos se tudo seguir mal, é logico que aos paes tambem assiste o dever de dar aos filhos os mais salutaes principios educativos que devem ser edificados sobre bases solidas.

Como elementos formativos do progresso e civilização da sociedade, é concludente que a educação e a instrucção são cousas homogeneas, inseparaveis, irmãs emfim; porem, tratando-se do modo por que devam ser transmittidas, vemos que tomam rumos differentes, pertencendo a educação á familia e a instrucção á escola. A educação começa desde os primeiros vagidos da criança, transmite-se no proprio leite que a alimenta, vem desde os primeiros olhares paternos, desde as primeiras caricias maternas que se manifestam no berço até o derradeiro adeus que se deixa no tumulo, e sempre é educação; emquanto que a instrucção somente começa a transmittir-se verdadeiramente dos sete annos em deante, e como a educação, póde estender-se até á morte do individuo. Já vêdes, meus amigos, que os mestres não pódem educar: o que pódem fazer é aperfeiçoar a educação dada no lar, estendendo em certos pontos e corrigindo-a de certos defeitos.

Não podendo mais continuar, meus amigos, por estar exgottado o nosso tempo, aguardo-me para nou-tro dia concluir a prelecção hoje encetada.



Cumprindo a minha promessa anterior, venho hoje falar-vos, meus amigos, dos discipulos.

São elles os que fazem os bons mestres, os que indicam a estes o plano que devem seguir, dando mostras de suas tendencias de criança, de seu character, de sua conducta, de sua indole, de sua intelligencia, de seu talento, de sua educação, de suas virtudes emfim. São elles os que symbolisam a docilidade na mais fiel obediencia, o amor ao trabalho na mais comprovada comprehensão de seus deveres, o gosto pela sciencia na mais eloquente dedicação ao estudo, se por ventura amam o que é bom; porém, symbolisam o contrario se amam o que é máu.

Não póde haver bom mestre, meus amigos, desde que haja máu discipulo : quero dizer-vos com isto que a instrucção será uma utopia, se o discipulo tiver completa negação para ella, como serão negativos os esforços empregados pelos governos, se discipulos e mestres não derem a importancia que deve merecer-lhes a aprendizagem. O contrario d'isto succederá, porém, se á dedicação dos mestres viér juntar-se a applicação dos discipulos conscientes de seus deveres.

Alem das obrigações que têm para com os seus mestres, como já ficou dito, muitas outras são, meus amigos, as que têm os discipulos em relação á escola : umas prendem-se aos proprios collegas e outras á disciplina, á ordem, ao asseio, ás boas accções, etc.

Vejamol-as.

É do bom cumprimento de taes obrigações, meus amigos, que resulta para os bons discipulos a estima em que são tidos por seus mestres e collegas, ao lado das melhores distincções; sendo para notar-se o contrario quando se trata dos refractarios, dos indolentes, dos insubordinados, etc. Agradavel é, portanto, o quadro que aos mestres offerecem os bons discipulos quando, compenetrados dos seus deveres, sabem dar á es-

cola o merecido valor como templo de ensinamentos moraes.

Os meninos que estudam na mesma escola têm com effeito para com seus collegas o dever sagrado de estimal-os, respeit-al-os, trat-al os com delicadeza, amor e carinho, evitando as discordias, os máus tratos, as teimas e tudo quanto possa perturbar a harmonia em que devem sempre viver. Recebendo o ensino do mesmo mestre, cada vez mais devem querer-se bem, ajudando-se uns aos outros, e, mais do que tudo, procurando fazer da escola um centro de affectos mutuos.

Relativamente á disciplina, devo dizer-vos que é ella a base principal de uma casa de educação, a origem da ordem. Se o estudo illustra a intelligencia, a disciplina fórma o coração, já vol-o disse anteriormente. É ella a base do edificio social e deve ser encarada com o cuidado e o interesse preciso, sem o que, tudo será inutil e improficuo. Se o individuo precisa illustrar-se, sendo para isso mistér seguir um programma qualquer traçado, não deve prescindir da disciplina a que forçosamente deve sujeitar-se, porque ella é o composto de preceitos que fundam-se na razão, estabelecendo a norma de conducta para todos os passos.

Estabelecendo doutrinas e firmando principios, a disciplina é a sentinella avançada da ordem, que, na expressão de um escriptor, «é a reflectida combinação das cousas, de accordo com o tempo, com as circumstancias e com o meio em que se vive». É da boa disciplina que nasce o bom exito de todos os preceitos estabelecidos e seguidos em qualquer corporação social; e tanto se nota ella na vida isolada do individuo, como nesse conjuncto de seres formando aggremações.

Sem a disciplina, meus amigos, ficarão estacionarias ou retrocederão todas as melhores concepções sociaes; baquearão todas as doutrinas preconisadas,

e, em vez do progresso, de que tanto carecemos, surgirá infallivelmente o regresso, em uma palavra — a anarchia. E esta, meus amigos, é a desordem, o cahos, a perturbação, o desequilibrio de tudo, e quasi sempre a causa das guerras.

A pratica ahi está demonstrando diariamente a improficuidade das associações sem disciplina e ordem, do mesmo modo que nos assegura a firmeza e estabilidade das que a têm por dogma. Laboremos, portanto, em nosso favor, meus amigos: sejamos disciplinados e ordeiros. Tenho concluido.

AUGUSTO PINHEIRO,

Titulado pela antiga Escola Normal.

